

CENTRO DE ANÁLISE E ESTUDOS ESTRATÉGICOS

INFORMATIVO CONJUNTURAL

Nº 57 – Dezembro de 2009



SECRETARIA DE
ESTADO DE AGRICULTURA,
PECUÁRIA E
ABASTECIMENTO



**SECRETARIA DE ESTADO DE AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO - SEAPA/MG**

Secretário de Estado
Gilman Viana Rodrigues

Secretário Adjunto
Paulo Afonso Romano

Superintendente de Economia Agrícola
João Ricardo Albanez

Centro de Análises e Estudos Estratégicos
Eliza Alves Vieira

**EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL
DO ESTADO DE MINAS GERAIS - EMATER/MG**

Presidente
José Silva Soares

Diretor Técnico
José Ricardo Ramos Roseno

Editoração e Coordenação do Informativo
José Fernando N. Domingues

e-mail: ciagro@emater.mg.gov.br

Tel: (31) 3349-8087 - (31)3349-8182

ÍNDICE

COMENTÁRIO ECONÔMICO
PRODUTO INTERNO BRUTO DO AGRONEGÓCIO MINEIRO
BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO MINEIRO

ANÁLISE DE SAFRAS
ALGODÃO
CAFÉ
FEIJÃO
MILHO
SOJA
TOMATE
FRUTICULTURA

BOI GORDO
FRANGO E OVOS
SUINO
LEITE
PEIXE

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES
PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS NA CEASAMINAS

COMENTÁRIO ECONÔMICO

Everton Augusto P. Ferreira
E-mail: everton@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8061 - Belo Horizonte/MG

Nas últimas semanas, a despeito da onda de elogios que a economia brasileira vem recebendo dentro e fora do país, alguns economistas especializados em setor público vem demonstrando, via análises e artigos, uma preocupação com o lado fiscal da economia brasileira. Ninguém aponta tragédias vindouras ou retorno da instabilidade econômica do país de décadas atrás, contudo mostram que o Brasil pode perder seu “futuro dourado” por conta da insuficiência de investimentos e comprometimento de gastos públicos.

Para esses analistas o atual modelo de política econômica do Brasil pode ser chamado de “alto gasto”. Afinal a economia brasileira está suportada em crescente nível de consumo público, financiada por uma alta carga tributária e aceleração do consumo privado, com suporte no crédito pessoal e nos incentivos fiscais.

Essa combinação tem seus méritos e é a grande responsável pela rápida recuperação do PIB pós crise. Os chamados fundamentos também são bons, afinal ainda persiste capacidade ociosa na indústria e os investimentos externos recorde oferecem divisas suficientes para acumular reservas internacionais, ao mesmo tempo em que mantém o dólar em patamares abaixo de R\$ 2,00/US\$. Com isso o Brasil não tem problemas em seu Balanço de Pagamentos, mantém sob controle a inflação e a dívida pública. Com tal cenário, ninguém conseguiria ver “nuvens negras” no horizonte, certo?

Não tanto. Afinal o câmbio valorizado vem causando perda de competitividade em muitos setores, inclusive no agronegócio (jornal Brasil Econômico, 03\12\2009, pg. 6) e os gastos públicos crescentes se fazem em torno de renúncia fiscal (principalmente IPI) e gastos com pessoal, itens com alto custo político para redução.

O déficit público nominal anual está em 4% do PIB e a dívida bruta do setor público voltou à casa dos 70% do PIB. Enquanto a taxa de juros primária permanecer baixa, o custo financeiro da dívida também é baixo, mas muitos apostam que já em 2010 os juros deverão sofrer uma correção para cima, como forma de conter pressões sobre os preços e importações. Nesse caso, parte relevante dos gastos públicos vão retomar o caminho de pagamento de juros a credores, reduzindo a capacidade financeira do setor público. Cabe lembrar também que os juros mais altos levam de passagem ao crescimento dos encargos financeiros as empresas e cidadãos, reduzindo o consumo interno e a arrecadação de impostos.

Por outro lado, a maior crítica está no fato do governo não conceber nenhum mecanismo de elevação da poupança nacional e de melhorar o investimento. Nossa taxa de investimento continua na faixa de 20% do PIB, contra taxas que beiram os 50% no caso Chinês.

A infra-estrutura econômica continua frágil, o sistema educacional ainda carece de qualidade, persiste um sistema tributário oneroso e complexo, que inibe investimentos privados e a previdência social continua como uma “bomba relógio” de efeito futuro.

Como afirma o economista Raul Velloso (Citado por Paulo Rebello de Castro, na Folha de São Paulo de 02\12\2009, pg B2), o modelo de alto consumo presente e baixo investimento pode trazer uma grande dependência do capital estrangeiro e a volta do regime “stop and go” (economia que para e continua) que caracterizou o Brasil nos anos 90. O caso citado por essa “ala de analistas econômicos” não são alarmistas, talvez um tanto “mal humoradas”, mas o próprio prêmio Nobel de Economia de 2008 Paul Krugman, em palestra em São Paulo no dia 02\12 afirmou que “a história indica que nenhum país do mundo mantém sempre seu destaque.

Foi o caso do México em 1993, da Argentina nos anos seguintes e todos sabemos como essa história terminou. Acho que essa é uma preocupação”. Em suma, o que precisa é de mais seriedade, humildade e precaução, com menos discurso e maior responsabilidade nos gastos.

PRODUTO INTERNO BRUTO DO AGRONEGÓCIO MINEIRO

Superintendência de Política e Economia Agrícola
E-mail: spea@agricultura.mg.gov.br
Tel.: (31) 3215-6546 - Belo Horizonte/MG

Os estudos relativos à estimativa do Produto Interno Bruto (PIB) do Agronegócio Mineiro realizados pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo – CEPEA/ESALQ/USP – sob o patrocínio da Secretaria de Estado das Agricultura , Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais-SEAPA/MG e da Federação da Agricultura e Pecuária de Minas Gerais-FAEMG- revelaram que no mês de setembro o PIB do agronegócio estadual apresentou queda de 0,65%, desacelerando pelo terceiro mês consecutivo o ritmo de retração. Essa ligeira melhora deve-se exclusivamente ao crescimento da indústria de base agrícola. Vale registrar que a valorização cambial e a maior disponibilidade interna vêm contribuindo para segurar a recuperação dos preços agrícolas. Até o mês de setembro, o agronegócio registrou contração acumulada de 7,95% na renda. (Vide Figura 1 e Tabelas 1 e 2).

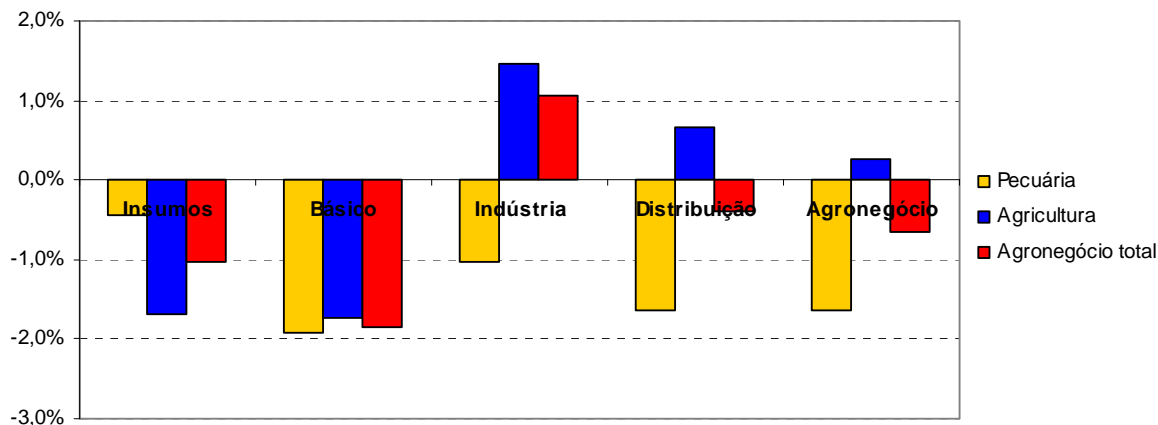


Figura 1 - Taxas de crescimento em setembro de 2009 (%).

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

Tabela 1 – Taxas de crescimento mensais e acumuladas no ano do PIB do agronegócio de Minas Gerais em 2009/2008 (%)

	AGRONEGÓCIO				
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
Abril/08	3,78	3,04	-0,32	1,47	1,84
Maio/08	4,99	2,88	0,00	1,51	1,96
Junho/08	6,83	3,36	-0,06	1,70	2,35
Julho/08	6,42	2,46	0,28	1,33	1,95
Agosto/08	-0,14	1,35	-0,41	0,42	0,58
Setembro/08	-0,66	0,96	0,16	0,53	0,54
Abril/09	-1,46	-2,27	-0,03	-1,20	-1,38
Maio/09	-2,50	-1,89	-0,14	-1,05	-1,29
Junho/09	-4,07	-2,08	0,23	-0,94	-1,35
Julho/09	-2,37	-1,58	0,51	-0,54	-0,83
Agosto/09	-0,12	-1,72	0,54	-0,60	-0,73
Setembro/09	-1,02	-1,85	1,06	-0,40	-0,65
Acum. no ano (2008)	36,19	22,33	-0,14	10,90	14,33
Acum. no ano (2009)	-9,75	-14,81	3,35	-6,41	-7,95

	AGRICULTURA				
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
Abril/08	4,57	2,30	-0,98	-0,04	0,51
Maio/08	6,76	2,55	-0,41	0,45	1,11
Junho/08	9,55	2,40	-0,36	0,46	1,34
Julho/08	8,48	2,28	0,35	0,94	1,68
Agosto/08	-0,71	1,97	-0,25	0,43	0,51
Setembro/08	-1,94	0,23	0,30	0,28	0,09
Abril/09	-2,20	-2,14	0,28	-0,39	-0,70
Maio/09	-4,14	-1,75	0,11	-0,39	-0,82
Junho/09	-7,08	-2,03	0,51	-0,17	-0,86
Julho/09	-4,17	-1,41	0,74	0,17	-0,28
Agosto/09	-0,19	-1,17	0,84	0,32	0,14
Setembro/09	-1,67	-1,73	1,46	0,65	0,27

Acum. no ano (2008)	45,63	19,36	-2,37	3,51	7,66
Acum. no ano (2009)	-16,15	-16,23	6,03	-0,53	-3,40

	PECUÁRIA				
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
Abril/08	3,02	3,39	2,53	3,11	3,21
Mai/08	3,27	3,04	1,73	2,61	2,82
Junho/08	4,10	3,81	1,19	2,97	3,35
Julho/08	4,25	2,55	-0,04	1,73	2,21
Agosto/08	0,49	1,06	-1,05	0,40	0,65
Setembro/08	0,73	1,31	-0,40	0,78	0,97
Abril/09	-0,70	-2,32	-1,52	-2,08	-2,07
Mai/09	-0,84	-1,95	-1,37	-1,77	-1,77
Junho/09	-1,13	-2,10	-1,14	-1,81	-1,86
Julho/09	-0,72	-1,66	-0,59	-1,33	-1,41
Agosto/09	-0,05	-1,97	-0,96	-1,66	-1,64
Setembro/09	-0,44	-1,91	-1,02	-1,64	-1,64
Acum. no ano (2008)	27,46	23,76	10,25	19,34	21,52
Acum. no ano (2009)	-3,30	-14,15	-8,86	-12,58	-12,48

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA

O agronegócio da **agricultura** apresentou crescimento de 0,27% no mês de setembro, reduzindo para 3,40% a taxa de retração acumulada no ano. Nos segmentos Insumos e Básico (“Dentro da Porteira”), houve no referido mês, respectivamente, recuos de 1,67% e 1,73%, ritmos mais intensos que os verificados no mês de agosto. Com isso, o desempenho anual negativo ampliou-se para cerca de 16% nos dois segmentos. Em sentido contrário, os segmentos da Indústria e da Distribuição apresentaram taxas de crescimento positivas em setembro, sendo de +1,46% o aumento da Indústria e de + 0,65% a taxa verificada para a Distribuição.

No agronegócio da **pecuária**, as dificuldades continuaram persistindo. A retração verificada em setembro foi igual àquela observada no mês de agosto, com taxas semelhantes nas atividades “Dentro da Porteira” (- 1,91%), Indústria (- 1,02%) e Distribuição (- 1,64%). No segmento de Insumos, o desempenho piorou em setembro, houve recuo de 0,44% contra - 0,05% observado no mês de agosto. No acumulado do ano, o segmento de Insumos registrou queda de 3,3%, Básico, de 14,15%, Indústria, de 8,86%, e Distribuição recuou 12,58%.

Conforme afirmado anteriormente, o agronegócio mineiro recuou 0,65% em setembro e fechou os primeiros nove meses deste ano com retração de 7,95%. Tanto o setor da **agricultura** quanto o da **pecuária** apresentaram desempenho negativo, porém o recuo foi acentuado e generalizado no lado da **pecuária**. Do lado agrícola, a recuperação no segundo semestre, ao menos para algumas atividades, levou números positivos para o desempenho mensal, o que amortece as quedas das taxas negativas esperadas para este ano.

A tendência de recuperação só não é mais evidente em função da valorização cambial, que pressiona os preços internos. Ao diminuir a rentabilidade do mercado externo, a maior oferta local derruba as cotações. Os preços em dólares têm esboçado alguma melhoria no mercado internacional para os produtos

do agronegócio, mas ainda são insuficientes para contrabalançar a valorização de cerca de 12% do Real em 2009 (Janeiro a setembro), comparada com o mesmo período de 2008.

No segmento de Insumos, o planejamento da safra de verão elevou a demanda, mas os preços recuaram frente à valorização cambial. Bom para o produtor que esperou um pouco mais para adquirir, especialmente fertilizantes. Porém, as atividades “Dentro da Porteira” também têm sofrido com o contexto de preços em baixa devido ao câmbio, como foi o caso dos preços de café, milho, soja, feijão e algodão no mês de setembro. Por outro lado, algumas atividades continuaram melhorando, como foi o caso da produção de carvão.

Posto isto, o CEPEA/ESALQ/USP projetou que o PIB do agronegócio mineiro para o corrente ano com base nos dados apurados no mês de setembro deverá alcançar o montante de R\$ 86,6 bilhões (a preços de 2009). O agronegócio da **agricultura** responderá por R\$ 44,9 bilhões ou 51,8% e o da **pecuária** , por R\$ 41,7 bilhões ou 48,2%.

Dos quatro componentes que compõem o agronegócio total, a participação na renda gerada no segmento de Insumos deverá ser de 7,31%, do segmento Básico, de 38,31%, do Industrial de 24,18% e de Distribuição, de 30,21%

No agronegócio da **agricultura**, as participações em 2009 serão: Insumos: 6,62%, Básico: 22,91%, Indústria: 39,08% e Distribuição: 31,39%. Já no agronegócio da **pecuária**, as participações deverão ser as seguintes: Insumos: 8,04%, Básico: 54,87%, Indústria: 8,15% e Distribuição: 28,94%.

BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO

Márcia Aparecida de Paiva Silva
E-mail: marcia.silva@agricultura.mg.gov.br
Tel.: (31) 3215-6548 - Belo Horizonte/MG

De janeiro a novembro de 2009, o saldo da balança comercial do agronegócio de Minas foi de US\$ 4,9 bilhões, que representa 9,6% das divisas geradas pelo saldo da balança comercial do agronegócio brasileiro (US\$ 51,0 bilhões). A cifra registrada em Minas Gerais é 3,7% inferior aos US\$ 5,1 bilhões, verificados em igual período de 2008.

As exportações do setor registraram o montante de US\$ 5,1 bilhões e as importações, US\$ 229,1 milhões, nos primeiros onze meses de 2009. Em relação a janeiro e novembro de 2008, as exportações decresceram em 4,5% ante o valor de US\$ 5,4 bilhões. As importações, por sua vez, registraram crescimento negativo de 18,5%, diante do valor de US\$ 281,1 milhões registrados no período de 2008.

A redução dos preços médios dos principais produtos da pauta de exportação mineira contribuiu para a queda da receita da exportação do agronegócio de Minas. O preço médio dos produtos do complexo café, carnes e soja, que ocupam a primeira, segunda e quarta posições no *ranking* dos principais produtos exportados, apresentaram decréscimo de 14,5%, 16,5% e, 22,1%, respectivamente. Essa situação é justificável, uma vez que em 2008, antes de

sofrer os reflexos da crise financeira mundial, o mercado internacional estava aquecido.

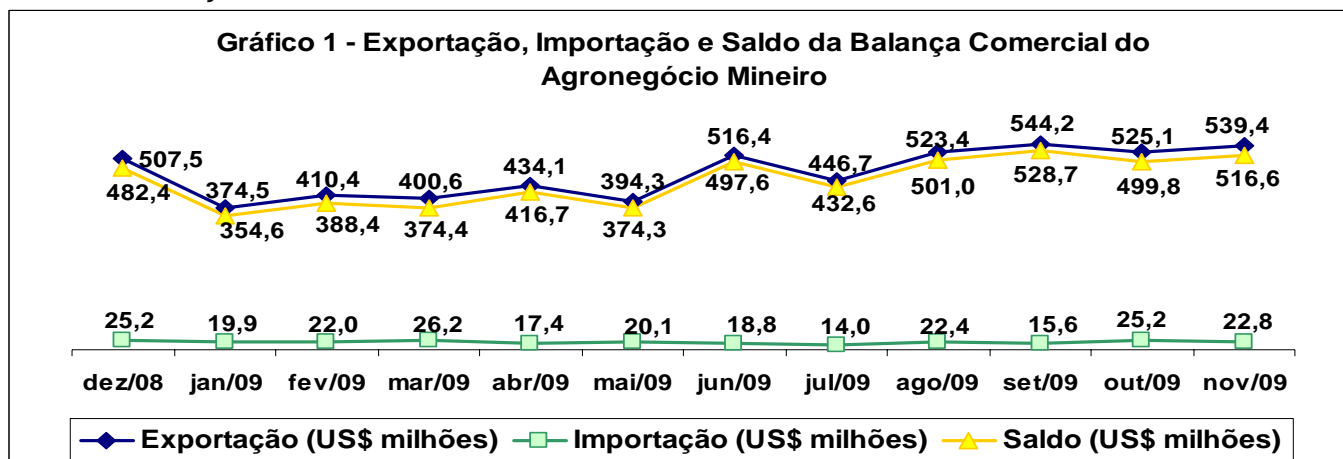
O açúcar, entretanto, vem apresentando comportamento positivo, posicionando-se na terceira colocação dentre os principais grupos de produtos do agronegócio mineiro enviados ao exterior, com exportação de US\$ 525,8 milhões, nos primeiros onze meses de 2009. Nesta posição, o açúcar ultrapassa o complexo soja, que no período de janeiro a outubro de 2009, era o terceiro principal grupo de produtos exportado pelo agronegócio do Estado.

Em relação às importações, o trigo, principal produto importado, continuou apresentando queda. O valor das importações de Minas deste produto passou de US\$ 82,6 milhões, nos primeiros onze meses de 2008, para US\$ 50,5 milhões, em igual período de 2009, perfazendo redução de 38,8%.

O complexo algodão, que se posiciona na sétima colocação dentre os principais produtos importados pelo Estado, apresentou decréscimo no valor das importações em 67,5%. As importações passaram de US\$ 30,8 milhões para US\$ 10,0 milhões, de janeiro a novembro de 2008 e 2009, respectivamente.

Recuperação gradativa

Os sinais de recuperação do agronegócio de Minas diante dos impactos da crise financeira se mostram gradativamente mais sólidos, acompanhando as expectativas econômicas. A análise mensal, descrita no Gráfico 1, ilustra esta informação.



Fonte: Elaboração SEAPA/SPEA, a partir de dados do MDIC/Secex.

A partir de julho de 2009, o comportamento ascendente das exportações e do saldo da balança comercial comprova tal preceito. Comparando-se novembro a outubro de 2009, o cenário apresenta-se ainda mais otimista, uma vez que as exportações passaram de US\$ 525,1 milhões (em outubro) para US\$ 539,4 milhões (em novembro), perfazendo crescimento de 2,7%. A participação das exportações do agronegócio nas exportações totais do Estado passou de 27,9% para 30,8% de outubro a novembro de 2009.

No mês de novembro, os preços médios de importantes produtos da pauta de exportação do agronegócio mineiro apresentaram crescimento, em

comparação com outubro de 2009. São eles: produtos do complexo café e carnes, cujos aumentos nos preços médios foram de 1,3% e 14,8%, respectivamente.

A carne bovina, que responde por maior receita de exportação dentro do grupo carnes, auferiu a cifra de US\$ 25,7 milhões em novembro de 2009, perfazendo crescimento de 19,4% ante os US\$ 21,5 milhões registrados em outubro deste ano.

Na análise mensal, o açúcar consolida sua relevância na geração de divisas para o Estado. As exportações deste produto ultrapassaram as do complexo carne, levando o açúcar a assumir a segunda colocação, logo após do complexo café, dentre os principais produtos exportados pelo agronegócio de Minas, no mês de novembro de 2009. Neste mês, o montante proveniente das exportações de açúcar chegou a US\$ 100,2 milhões, que representa 18,6% das receitas das exportações do agronegócio do Estado (US\$ 539,4 milhões).

A recuperação gradativa de Minas Gerais vislumbra uma perspectiva positiva no final do ano de 2009, com tendência de se estender ao ano de 2010.

ANÁLISE SAFRAS

Luiz Fernando Ferreira
E-mail: Luiz.ferreira@emater.mg.gov.br
Tel: (31) 3349-8138 – Belo Horizonte/MG

ÁREA PLANTADA

O plantio das principais culturas de verão como: algodão, arroz, feijão primeira safra, milho primeira safra e soja, da safra 2009/10, está na fase final de definição. O terceiro levantamento da Conab, realizado em novembro estima-se que a área a ser plantada, atinja 47.977,9 mil hectares, 0,7% ou 324,1 mil hectares superior à da safra 2008/09 que foi de 47.671,9 mil hectares.

Pelo levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento a grande maioria das culturas pesquisadas, apresentam redução de plantio exceto a da soja. Em termos absolutos, o milho apresenta a maior retração, 909,7 mil hectares, justificada pelos baixos preços do produto no mercado e pelo volume ainda não comercializado, sobretudo na região Centro-Oeste e no Paraná. Para o algodão, verifica-se redução em todos os Estados da região Centro-Sul. A baixa cotação no mercado interno e externo constituiu-se no principal fator para a diminuição da área de cultivo. Os baixos preços do feijão, observados nos últimos meses, é o principal fator de desestímulo ao plantio. A exceção dos Estados de São Paulo e de Mato Grosso do Sul, os demais reduziram as áreas de plantio.

A área de cultivo de arroz sofre retração de 2,0%, correspondendo a 58,3 mil hectares. A maior redução está no Centro-Oeste do País (menos 40,1 mil hectares), onde predomina o arroz de sequeiro, sendo mais significativa no Estado de Mato Grosso (menos 22,4 mil hectares). Na região Sul, a redução está localizada no Rio Grande do Sul, face às dificuldades do plantio decorrentes do excesso de chuvas. A soja apresenta crescimento de 6% na área a ser cultivada que representa um incremento de 1.306,5 mil hectares. Este produto possui o menor custo por hectare, comparativamente ao do milho; a maior liquidez no

mercado, maior resistência a estiagem; fatores estes que justificam a substituição do milho por esta oleaginosa.

ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO

Confirmando-se as condições climáticas favoráveis durante todo o ciclo das culturas, a produção brasileira de grãos para a safra 2009/10 poderá atingir um volume de 140,6 milhões de toneladas, pelo levantamento da Conab. Este resultado representa um aumento de 4,0%, ou de 5,47 milhões de toneladas, em relação ao total produzido em 2008/09 que foi de 135,13 milhões de toneladas. Destaque para a cultura da soja que registra crescimento de 12,9%, ou seja, 7,399 milhões de toneladas a mais que o produzido na safra anterior. Com a confirmação da área estimada e das condições climáticas favoráveis, a produção da oleaginosa será recorde. Na safra anterior, a produção totalizou 57,16 milhões de toneladas. O feijão primeira safra, mesmo com redução na área plantada, acusa crescimento de 10,6% (142,6 mil toneladas), devido a recuperação da produtividade que no ano anterior foi afetada pela estiagem, sobretudo no Estado do Paraná.

As demais culturas, algodão, arroz e o feijão primeira safra, apresentam queda na produção. O milho reduz 4,9% (1,64 milhão de toneladas), o arroz, 4,7% (586,3 mil toneladas) e o algodão perde 1,3% (27,4 mil toneladas).

INFLUÊNCIAS CLIMÁTICAS

No Rio Grande do Sul, no mês de novembro ocorreram chuvas intensas, bem acima da média em praticamente todo o Estado. No noroeste, oeste e sudoeste do Estado, as precipitações terminaram o mês com 300 mm acima da média, o que, além de atrasar a conclusão da colheita do trigo, não permitiu que o plantio das culturas de verão avançasse aos níveis ideais. As chuvas de granizo, os alagamentos e os ventos fortes também causaram prejuízo em algumas lavouras, principalmente de arroz, milho e feijão.

No Paraná, no Mato Grosso do Sul e em São Paulo, as chuvas também ocorreram acima da média e beneficiaram desde o desenvolvimento à floração das culturas plantadas mais cedo e/ou de ciclo precoce.

Em Minas, na Bahia, e no Centro-Sul Mato-Grossense, apesar de terem ocorrido abaixo da média, as chuvas foram suficientes para manter a umidade no solo e garantir o bom desenvolvimento das lavouras. Nas demais regiões, as precipitações ocorreram próximas à média histórica e têm sido favoráveis, tanto ao plantio, quanto ao início da floração das lavouras.

Ao contrário das previsões anteriores, o prognóstico para o próximo trimestre (dezembro, janeiro e fevereiro) indica a ocorrência de chuvas dentro da média na Região Sul do País, o que aumenta a apreensão com relação aos possíveis veranicos nos meses de janeiro e fevereiro.

No Sudeste, em parte do Centro-Oeste e em quase todo o estado da Bahia, a previsão está indicando chuvas acima da média. Esse prognóstico será favorável para o desenvolvimento das lavouras, o florescimento e o enchimento de

grãos. No entanto, a condição de alta umidade favorece o aparecimento de doenças, e tempestades poderão causar prejuízos em algumas regiões.

No Norte/Nordeste a previsão é de chuvas, significativamente, abaixo da média, numa faixa do norte ao nordeste da Região. Essa condição poderá causar atrasos no plantio que começará a ser implantados a partir de janeiro e fevereiro do ano que vem. Afetada pela estiagem, sobretudo no Estado do Paraná. As demais culturas, algodão, arroz e milho primeira safra, apresentam queda na produção. O milho reduz 4,9% (1,64 milhão de toneladas), o arroz, 4,7% (586,3 mil toneladas) e o algodão perde 1,3% (27,4 mil toneladas).

ALGODÃO

Reinaldo Nunes de Oliveira
E-mail: reinaldo.oliveira@emater.mg.gov.br
Tel.: (38) 3223-2130 Montes Claros MG

A cotação do algodão em pluma no mercado interno fechou o mês de novembro com ligeira alta, e segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada-Cepea/Esalq/USP, o indicador no mês acumulou um acréscimo de 5,65% elevando os preços para os patamares de R\$ 1,2835/lp a R\$ 1,29/lp.

Apesar do ligeiro aumento do preço, a expectativa de plantio no Brasil para a safra 2009/10 deverá ser inferior, o mesmo ocorrendo nos demais países produtores de algodão como a China e Estados Unidos, ressalvando-se a Índia onde a perspectiva é de ligeiro aumento de área.

Segundo a Associação Brasileira dos Produtores de Algodão-Abrapa, o Brasil deverá importar por força dos contratos futuros, mais de 100 mil toneladas de algodão em pluma para suprir o mercado interno, apesar da estimativa de produção ser superior a 1 milhão 130 mil toneladas.

Para o Presidente da Câmara Setorial do algodão, Sérgio de Marco, os cotonicultores não estão conseguindo fechar as contas em função da baixa cotação de preço do produto, associado à falta de garantia do preço mínimo de R\$ 44,60 ao longo da safra.

O preço da arroba do algodão em caroço nas principais regiões produtoras, durante o mês de novembro não apresentou grande variação, sendo cotada em Araçatuba-SP, a R\$ 13,50,

R\$ 14,08 em Uberlândia-MG e R\$14,50 em Rondonópolis, MT.

TENDÊNCIA

O cenário atual da cotonicultura apresenta um quadro momentaneamente pessimista em todo o mundo. As causas são a redução da área plantada e da produção e a migração dos produtores para outras atividades. Isto poderá implicar numa diminuição drástica da oferta do produto, não somente no mercado interno mas também mundial. Consequentemente com esta situação, em um futuro não

muito distante, poderá ser desenhado um outro cenário mais otimista, para a cotonicultura.

CAFÉ

Marcelo de Pádua Felipe
E-mail: mpfelipe@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349.8149 Belo Horizonte – MG

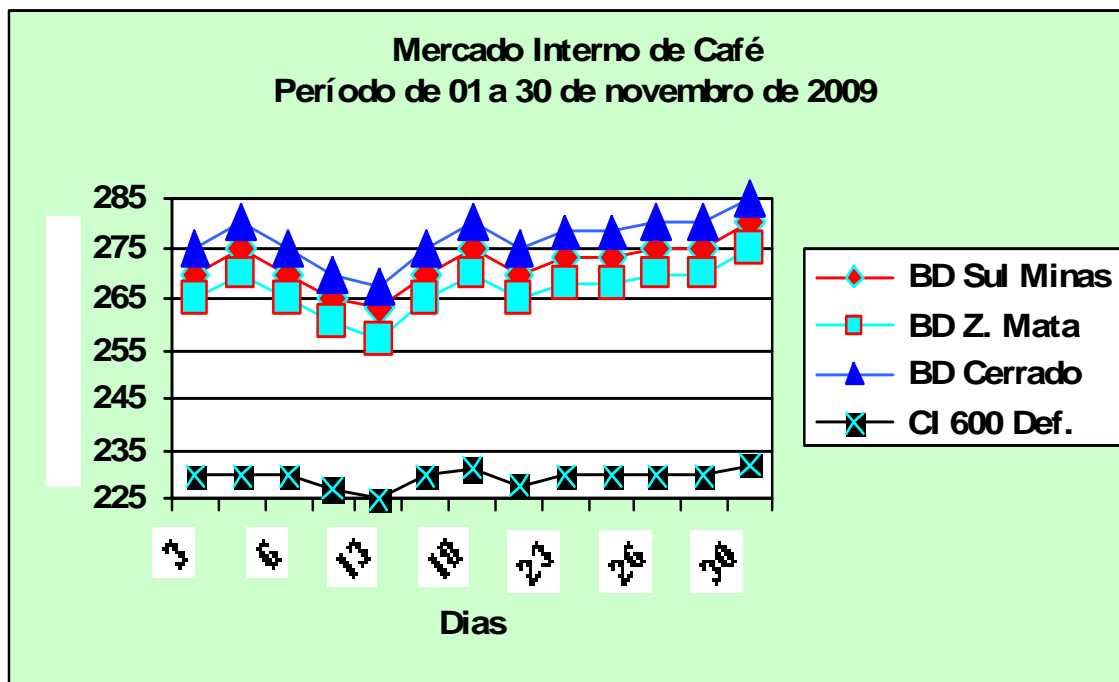
COTAÇÕES

MERCADO FÍSICO INTERNO FAVORÁVEL AS BEBIDAS DURAS E FINAS.

Em meio às subidas e descidas nas cotações do café, percebe-se, a partir do dia 20/11, uma linha ascendente de preço, que poderá ainda intensificar nos primeiros meses de 2010, ligada, principalmente, ao comportamento do dólar, às questões de oferta e demanda e à interferência do governo brasileiro.

No físico interno, o mercado trabalha entre R\$ 275,00 e R\$ 280,00 a saca, todavia os produtores de cafés de melhor qualidade sinalizam um patamar acima de R\$ 300,00 com perspectivas mais otimistas de R\$ 314,00 que é a base de exercício da opção de venda ao governo na última data de entrega em março.

No Sul de Minas Gerais, o café arábica bebida dura tipo 6,0, com bom aspecto e catação, encerrou o mês de outubro cotado a R\$ 260,00 a saca de 60 kg. Durante novembro trocou de mãos entre R\$ 265,00 e R\$ 280,00 a saca de 60 kg, fechando o período com preço médio de R\$ 271,45 a saca de 60 kg, o que corresponde a uma valorização de 3,1% em relação a outubro, quando obteve R\$ 262,50 a saca.



Preços médios para cafés com bom aspecto e com catação de 10% a 20%, por saca de 60 kg.
Fonte: Safras & Mercado, CCVV, Carvalhaes e Cooperativas de Cafeicultores. Elaboração: Emater-MG.

Tendência: A escassez de café arábica de boa qualidade em pleno mês de novembro, quando normalmente é firme a oferta pela ponta produtora, continua preocupando os exportadores, embora ajude a solidificar o físico interno.

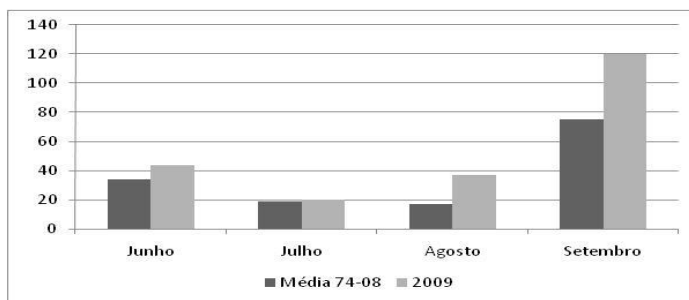
O conillon que estava supervalorizado em relação ao arábica voltou a cair forte em novembro, com o bica tipo 7 capixaba acumulando desvalorização de 9,75%, cotada a R\$ 158,00 a saca de 60 kg.

Como se não bastasse, os capixabas estão apreensivos, uma vez que a Associação Brasileira da Indústria do Café - Abic está pressionando o Governo para que seja permitido o Drawback do café, ou seja, a importação do produto de outros países para atender ao mercado interno.

LAVOURA

FLORADAS IRREGULARES POTENCIALIZAM COLHEITA MAIS SELETIVA.

O inverno de 2009 nas regiões cafeeiras mineiras apresentou uma condição climática bem atípica. Ocorreram chuvas anormais, muito acima da média para a época. Os dados de chuvas coletados na Estação Meteorológica Experimental da Fundação Procafé, em Varginha, mostram o diferencial registrado em 2009 em relação à média normal, dos últimos 34 anos, (gráfico a seguir).



Precipitação (mm) registrada na média normal (período 1974 a 2008) e chuva observada no mesmo período no ano de 2009 na Fazenda Experimental de Varginha, MG.

No Sul de Minas, onde normalmente predomina os padrões de bebida duro a mole, as Cooperativas de Cafeicultores receberam um percentual bem significativo de cafés de bebida Riada e Rio que são de qualidade inferior.

O excesso de umidade além de afetar a qualidade do café, depreciou o tipo **(presença de grãos ardidos e pretos)**, o aspecto dos grãos **(cafés chuvados)** e provocou uma grande irregularidade na floração da safra 2010. De julho até à presente data ocorreram várias floradas. Percebe-se nas lavouras a existência de botões florais em formação, fase de pré-florada, flores, chumbinhos, frutos em expansão e em granação. Isto certamente contribuirá para dificultar as operações de colheita, com alto percentual de frutos verdes **(se adiantar à colheita)** e café de varrição **(se atrasar a colheita)**, como também assegurar um maior ciclo de ataque e proliferação da broca do café (*Hyphotenemus hampei*).

ESTOQUE

CONAB: QUEDA DE ESTOQUES DEVE ELEVAR COTAÇÕES DO CAFÉ

Segundo o estudo divulgado pela Companhia Nacional de Abastecimento, Conab, em relação às prospecções de mercado para a safra 2009/10, o mercado deverá trabalhar numa faixa muito estreita entre oferta e demanda. Tendo em vista a escassez prevista pela baixa nos estoques privados **(1,21 milhão de sacas de 60 kg)**, as cotações de café Arábica e Conillon para o próximo ano, deverão se elevar. Em relação ao cenário internacional a expectativa para o ano 2010/2011, é de que haverá um mercado relativamente equilibrado, chegando-se a um estoque final de 32,8 milhões de sacas, o suficiente para atender cerca de três meses de consumo mundial.

OFERTA & DEMANDA - BRASIL (Em mil sacas de 60 kg) Ano Safra Abril/Março

Ano Safra	Estoque Inicial	Produção grão	Leilões	Import.	Oferta	Consumo	Exportação	Demanda	Estoque
-----------	-----------------	---------------	---------	---------	--------	---------	------------	---------	---------

			Governo	Total		Interno (1)	(2)		
01/02	42.666	31.300	147	2,6	74.316	13.430	24.534	38.024	36.232
02/03	36.232	48.480	203	3,8	84.379	13.750	30.072	43.822	41.150
03/04	41.158	28.820	231	2,5	70.271	14.200	25.131	39.391	30.880
04/05	30.880	33.272	1.664	2,6	71.819	14.350	27.423	42.373	23.445
05/06	29.445	32.944	1.206	1,7	63.537	15.600	25.021	40.621	22.376
06/07	22.976	42.512	1.003	3,1	66.494	16.000	28.655	44.655	21.839
07/08	21.839	36.070	1.019	3,6	58.931	16.500	27.802	44.302	14.629
08/09	14.629	45.992	540	4,2	61.166	17.000	29.510	46.510	14.656
09/10	14.656	39.003	521	4,0	54.184	17.500	32.000	49.500	4.683
10/11(3)	4.683	44.027	521	4,0	49.235	18.025	30.000	48.025	1.210

Fonte: Conab/Embrapa-MIDIC/Secex-IBGE-Mapa/Spae-Abic-OIC. Elaboração: Conab
(1) - Consumo Total; (2) - Grãos Crus, Torrados e Solúveis; (3) Previsão

Já com relação ao mercado interno, a estimativa é de que a oferta ficará muito justa frente à demanda. A produtividade dos cafezais de arábica sofrerá uma redução de 4%, resultando numa safra de 44,027 milhões de sacas. Extraído-se da oferta total, o consumo doméstico e as exportações, resultariam em um estoque final de 1,21 milhão de sacas, quantidade insuficiente para atender adequadamente a demanda.

DESÁGIOS

BEBIDA DURA E FINA MANTÉM A MAIOR VALORIZAÇÃO

No Sul de Minas Gerais, tendo como base os preços líquidos praticados pela Cooperativa dos Cafeicultores de Três Pontas – **Cocatrel**, apontam um deságio de R\$ 73,00 por saca de 60 kg para o Café Rio/Consumo Interno no fechamento do mês de novembro. Confira na tabela a seguir:

Deságios – 30/11/2009	
Café Rio/C. Interno (73,00)	Café manchado (5,00)
Café Riado (30,00)	Café chuvado (6,00)

Café Duro/ Riado/Rio (20,00)	Café discrepante (37,00)
Café com seca má (30,00)	Café muito discr/barrento (42,00)
Base - Dura/Melhor 60 defeitos R\$ 273,00 6 Base 80 defeitos R\$ 271,00 7 Base 160 defeitos R\$ 263,00 7 Base 270 defeitos R\$ 252,00	
Café com mais de 270 defeitos deságio de R\$ 1,00 a cada 10 defeitos	

Fonte: Cocatrel – livre de impostos sujeitos apenas ao seguro.

Tendência: Quadro favorável às cotações envolvendo cafés de bebida dura e fina devido à redução na oferta, elevando o ágio desses cafés. Este cenário tem dificultado a vida dos exportadores e também dos cafeicultores que fizeram venda antecipadas para entregas futuras, com padrões pré-fixados de qualidade de bebida.

COMERCIALIZAÇÃO

COMERCIALIZAÇÃO DA SAFRA 2009/2010 AVANÇA PARA 54%.

Segundo o levantamento realizado por Safras & Mercado junto a cooperativas, produtores e corretores chega-se ao final de outubro com cerca de 54,0% da produção comprometida (... **dos produtores para o mercado...**). Isto representa um recuo de 4,0% de igual época do ciclo passado, quando as vendas estavam em 58,0% da safra. Considerando uma produção máxima de 42,45 milhões de sacas para a temporada 2009/2010, cerca de 22,92 milhões de sacas já teriam mudado de mãos, passando para comerciantes, atravessadores e exportadores, restando à venda ainda algo em torno de 19,53 milhões de sacas.

BRASIL: Evolução da comercialização de café. Base produtor – Safra 2009/10 em milhões de sacas de 60 kg – Base 31 de outubro

UF/Região	Produção	Comercializado	Outubro(%)	Setembro(%)	2008(%)
Minas Gerais	20,20	11,36	56	47	59
-Sul/Oeste	10,50	5,78	55	47	56
-Cerrado	3,80	1,98	52	45	63

-Zona da Mata	5,90	3,60	61	50	63
Espírito Santo	11,60	5,46	47	40	51
-arábica	2,40	0,96	40	32	35
-conillon	9,20	4,50	49	42	56
São Paulo	3,60	1,70	47	38	53
Paraná	1,70	1,17	69	47	57
Bahia	2,20	1,10	50	41	61
-arábica	1,60	0,80	50	41	58
-conillon	0,60	0,30	50	43	70
Rondônia	1,80	1,44	80	64	90
Outros	1,35	0,69	51	42	59
-arábica	0,50	0,26	52	46	57
-conillon	0,85	0,43	51	40	60
Arábica	30,00	16,25	54	45	56
Conilon	12,45	6,67	54	45	62
TOTAL	42,45	22,92	54	45	58

Fonte: Corretores e cooperativas *Projeção: Safras & Mercado

Obs.: Números parciais sujeitos a retificação, inclui café já entregue e também por entregar.

PODER DE TROCA DO CAFE

A relação de troca entre os fertilizantes e a saca de 60 kg de café volta a ser inferior à média histórica de três sacas.

Sacas de café necessárias para adquirir 1,0 t de NPK 20-05-20

Meses	R\$	US\$	Poder de troca
Novembro/08	245,00	113,11	6,76
Mai/09	251,00	116,85	4,88
Novembro/09	252,00	146,51	2,87

Fonte: Cooxupé – Café preço médio RA1 – Dólar a R\$ 1,720

FEIJÃO

Wilson José Rosa
E-mail: wjrosa@emater.mg.gov.br

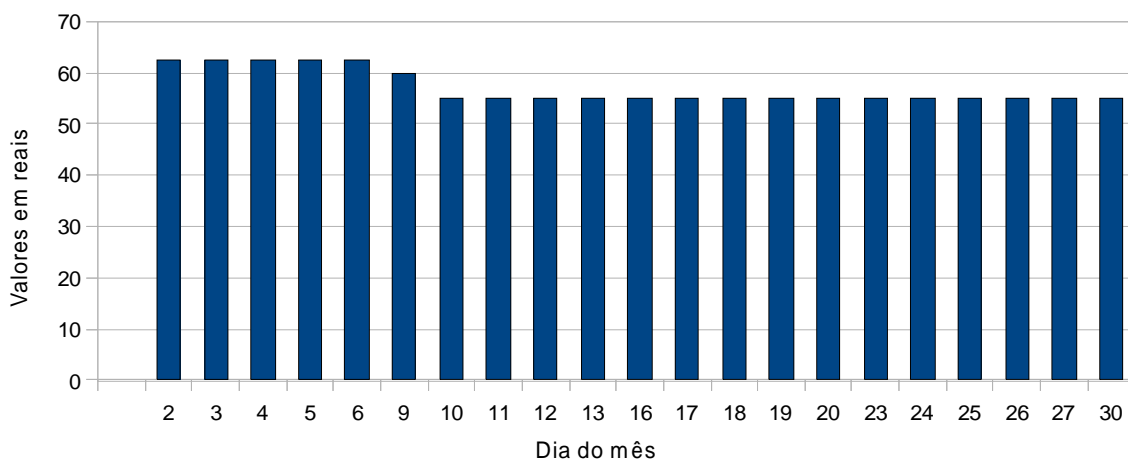
Estamos prestes a encerrar o ano de 2009 e mais um mês de estabilidade nos preços do feijão. Durante todo o mês de novembro a maior oferta foi de feijão de nota 7, com preço variando entre R\$45,00 e R\$55,00. O mercado permaneceu com pouca disponibilidade de feijão nota 9 ou melhor, cujos preços permaneceram mais altos, variando entre R\$70,00 e R\$75,00. O mês de novembro mais uma vez se caracterizou pela alternância entre a redução e aumento da oferta, quase sem oscilações nos preços.

No mercado brasileiro, a média de preços do mês foram ainda menores que o mês anterior. Na primeira quinzena ocorreram venda de vários lotes de feijão dos estados de Goiás e Minas Gerais, para o Nordeste com preços entre R\$50,00 e R\$55,00.

As pequenas reações dos preços são acompanhadas de maior oferta, puxando os preços para baixo novamente. Mesmo os vendedores diminuindo as ofertas na segunda quinzena do mês o mercado comprador continuou com seu comportamento muito cauteloso, adquirindo quantidades para atendimento imediato de suas demandas.

Esta cautela refletiu mais uma vez em uma baixa demanda e na manutenção dos preços muito estáveis durante todo o mês, encerrando o período com preços muito estáveis, como mostra o gráfico de preços praticados na cidade de Unaí, no Noroeste Mineiro.

Preço médio do feijão em Unaí, MG – Novembro de 2009



Fonte: Safras & Mercado

O excesso de oferta durante o ano inteiro e a falta de números que determinem estratégias continuará, até que tenhamos ferramentas que levistem nossa realidade de produção, induzindo os produtores muitas vezes ao risco de produzir mais em um mercado já saturado. Nunca é demais lembrar que 94% dos

brasileiros consomem feijão todos os dias e, mesmo com o preço baixo, não há como aumentar o consumo sem alcançar um maior percentual de consumidores (Correpar Corretora de Mercadorias).

O Brasil é o maior produtor e também o maior consumidor de feijão do mundo. A previsão de produção para este ano é de 3.502,6 mil toneladas, para um consumo em torno de 3 milhões e 700 mil toneladas. Fazendo um balanço entre o estoque inicial, a produção, a importação e exportação, espera-se no final um saldo de 85,2 mil toneladas.

O segundo levantamento feito pela CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento, da safra 2009/1010, divulgado no mês de novembro, aponta uma estimativa de área plantada, com a cultura de feijão entre 4.124,8 a 4.157,1 mil hectares, uma redução entre 1,7 a 3,9% em relação a área plantada no ano anterior, de 4.181,0 mil hectares.

Para a produção a estimativa do mesmo levantamento é de 3.552,7 a 3.597,9 mil toneladas, aumento entre 1,4 a 2,7% em relação a safra passada. Para o plantio da primeira safra, a área plantada está estimada entre 1382,6 e 1414,9 mil hectares, uma redução de 1,7 a 3,9%, em relação a safra passada. Entretanto a produção deve crescer entre 2,9 a 6,3% em relação ao ano anterior, num total de 1.389,0 a 1.434,2 mil toneladas. Apenas os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, não apresentaram redução na área plantada. O preço baixo na comercialização é um dos principais fatores para esse decréscimo de área, segundo a CONAB.

No estado do Paraná, maior produtor de feijão da primeira safra, deverá ocorrer uma redução na área plantada entre 8 e 11%, com uma área plantada entre 322,2 a 333,0 mil de hectares e uma produção entre 447,9 e 462,9 o representa um aumento na produção entre 19,4 a 23,4%, em relação safra anterior que foi de 131,4 mil toneladas.

Em Minas Gerais o segundo maior produtor de feijão de primeira safra, a estimativa de área plantada varia de 190,3 a 198,1 mil hectares, redução de 3,2 a 7,0% em relação a área plantada no ano anterior que foi de 204,6 mil hectares. Para o levantamento a expectativa de produção é entre 228,4 237,7 mil toneladas, redução entre 4,5 e 8,3% em relação ao ano anterior que foi de 249,0 mil toneladas.

Já o estado de São Paulo, aponta para um crescimento de área plantada entre 15,0 e 20,0% na primeira safra, corresponde a uma área entre 86,3 e 99,2 mil hectares para uma produção entre 158,5 e 165,6 mil toneladas.

MILHO

Luiz Fernando Ferreira
E-mail: luiz.ferreira@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8138 - Belo Horizonte/MG

POSIÇÃO MUNDIAL

Continua ainda sem novidade a situação do produto pelo mundo, especialmente neste intervalo entre safras. A quantidade de grãos produzida na

safra 2008/2009 deverá ser suficiente para atender à demanda dos que dependem do produto, normalmente ofertado pelos Estados Unidos, Argentina e Brasil. Esta situação tranquiliza os segmentos envolvidos com o setor, mesmo com o espaço existente desde a última produção até à próxima a ser obtida na presente safra agrícola.

O acréscimo da produção, embora de forma gradativa, também dá suporte ao preço do etanol nos Estados Unidos, que por sua vez tem colaborado na estabilização do preço do milho, ainda que em patamar mais baixo.

A produção de milho na Argentina, pelas estimativas iniciais, apresenta redução de área. Estas estimativas apontam uma produção de 13 milhões de toneladas, conforme informações da Bolsa de Cereais de Rosário.

O processo de queda nos estoques mundiais de milho encontra-se em marcha, mesmo considerando a grande quantidade armazenada na China, detentora de uma política estratégica de segurança alimentar para o país. Sem levar em conta o que está estocado naquele país, os estoques mundiais, que tiveram uma recuperação com a produção dos últimos anos e atualmente passam por uma diminuição no volume estocado, estão ao redor de 13 % do consumo, encontrando-se a maioria armazenada no Brasil e Estados Unidos.

POSIÇÃO BRASILEIRA

A posição brasileira do cereal continua estável, mesmo diante da redução da área estimada levantada pelos diversos segmentos da cadeia produtiva, inclusive a Conab. Parte dessa redução de área deverá ser compensada pelo ganho em produtividade que tem sido evidenciado a cada ano. Esse ganho é resultado do empenho da classe produtora e melhoria da tecnologia utilizada, principalmente devido ao sistema de uso dos transgênicos que está em plena evolução no país. Diante deste quadro, e considerando as condições climáticas, com chuvas abundantes no período de implantação da cultura e que continuam regulares, é de se prever que o milho ainda poderá ter uma boa produção na safra 2009/2010. Salvo a ocorrência de intempéries e de pragas ou doenças que possam acontecer durante o ciclo vegetativo, a quantidade produzida estará acima das necessidades brasileiras.

Pelos números de oferta e demanda estimados por Safras & Mercado, o Brasil poderá ofertar em 2010, cerca de 58 milhões e 463 mil toneladas de milho, um pouco acima do disponibilizado em 2009, ou seja, 57 milhões e 785 mil toneladas. A produção estimada para a temporada de 2010 é de 50 milhões e 266 mil toneladas, inferior aos 51 milhões e 415 mil toneladas registradas em 2009.

O consumo total esperado para o período de 2010 é de 52 milhões e 248 mil toneladas acima do previsto para o ano de 2009, estimado em 50 milhões e 558 mil toneladas.

EXPORTAÇÃO

Embora a Bolsa de Mercadorias de Chicago tenha operado com cotações mais baixas e o mercado pressionado por fatores econômicos ocasionados pelas preocupações dos Bancos em relação aos fatores adversos, como por exemplo o

pedido aos credores de um adiamento de seis meses para pagamento de dívidas do Dubai World, as exportações tem sido pouco comprometidas.

As vendas líquidas norte americanas para a temporada comercial de 2009/2010, iniciadas em 1º de setembro, foram positivas até a terceira semana de novembro. No Brasil, os estoques existentes continuarão influenciando a comercialização, mas as exportações são consideradas como fundamentais para o fortalecimento dos preços no mercado interno.

Na Argentina, mesmo com a estimativa de redução de área, caso sejam produzidas as 13 milhões de toneladas previstas, deverão ser disponibilizadas no decorrer do próximo ano cerca de oito milhões de toneladas para o mercado internacional, isto se não acontecer entretanto entre o setor de produção e o governo daquele país. O Brasil poderá se firmar como o segundo maior exportador mundial de milho, considerando que a produção brasileira é sempre maior que a do país vizinho e que o produto é suficiente para abastecer o mercado interno, havendo ainda produto disponível para o crescimento das exportações.

PREÇOS E LEILÕES

No mercado interno o milho continua ainda com preços estáveis, exceção de locais com pouca produção ou com maior demanda implicando em deslocamentos com distâncias maiores.

Em Cascavel, no oeste do Paraná, o milho foi comercializado entre R\$ 16,50 e R\$ 17,00 o saco de 60 kg. Em Erechim, no Rio Grande do Sul, o produto esteve cotado a R\$ 19,30 e R\$ 19,50 o saco. Em São Paulo, na região da Mogiana, o preço situou-se entre R\$ 17,50 e R\$ 18,10. Em Minas Gerais, na praça de Uberlândia, o valor da cotação variou entre R\$ 17,00 e R\$ 17,50. Em Goiás, o preço do milho esteve cotado entre R\$ 15,00 e R\$ 15,20 o saco. No Mato Grosso, na região de Rondonópolis, o preço do produto continua recebendo a menor cotação, entre R\$ 12,00 e R\$ 13,00 o saco de 60 kg.

Para ajudar na melhoria dos preços o Governo Federal tem realizado leilões através da Conab. Segundo informações do Coordenador do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Sílvio Farnesi, neste final de ano não está prevista, nem descartada, a possibilidade de realização de novos leilões pela Conab.

ALERTA AOS PRODUTORES

Após a fase de plantio do cereal, os cuidados dos produtores devem ser redobrados quanto à ocorrência das pragas que normalmente atacam a cultura. Estas pragas podem reduzir o número de plantas na área cultivada ou diminuir o potencial produtivo da lavoura. As pragas atacam as sementes, raízes e plantas jovens. São de hábitos subterrâneos ou superficiais e, na maioria das vezes, passam despercebidos pelos agricultores. A partir do desenvolvimento vegetativo é comum o ataque da principal praga conhecida como lagarta do cartucho. Recomenda-se utilizar o controle biológico desenvolvido pela Embrapa. As orientações poderão ser obtidas nas Unidades Locais da Emater ou na Embrapa Milho e Sorgo em Sete Lagoas (MG).

Estas observações tornam-se necessárias diante do preço do milho no mercado. Tudo que puder ser feito com vistas à redução do custo de produção deve ser praticado pelo agricultor. É também uma alternativa para a obtenção de melhor rentabilidade para a exploração.

Fonte: Centro de Inteligência do Milho - Cimilho, Safra & Mercado, Notícias Agrícolas, Conab

SOJA

Willy Gustavo De La Piedra Mesones
E-mail: willy.gustavo@emater.mg.gov.br
Tel.: (34) 3338-5156 – Uberaba/MG

Soja propicia crescimento de oleaginosas

Recorde de produção de soja nos Estados Unidos e previsões otimistas para a América do Sul seguramente reverterão em uma provável recuperação dos estoques de oleaginosas, cuja produção está estimada em 425,35 milhões de toneladas e que representam um crescimento em torno de 15%. É provável porque também se apontam indicativos de aumento de consumo, face à recuperação da economia mundial, embora numa magnitude menor que seria de aproximadamente 5%, diferença esta que traria a reboque, também, uma diminuição dos preços.

A safra mundial de soja está sendo estimada em 251,24 milhões de toneladas com crescimento de 19% sobre a colhida na última safra. Os Estados Unidos estão terminando de colher uma produção de 90,34 milhões de toneladas representando um crescimento de 12% creditado a um aumento de 9% na produtividade e 3% na área e a América do Sul tem previsão de colheita de 126,83 milhões de toneladas que seria 32% maior que a anterior, conforme o quadro abaixo.

PRODUÇÃO MUNDIAL DE SOJA-Produção 2008/2009 e estimativa 2009/2010

País	Produção (milhões de t)		a/b	Participação por país
	2009/2010 (a)	2008/2009 (b)	%	%
Estados Unidos	90,34	80,75	12	36
América do Sul	126,83	96,22	32	50
Argentina	52,64	32,00	65	21
Brasil	64,81	57,27	13	26
Paraguai	5,98	4,00	50	2
Bolívia	2,10	2,00	5	1
Uruguai	1,30	0,95	37	1
Canadá	3,50	3,30	6	1
União Europeia	1,00	0,65	54	0

Rússia	0,75	0,74	1	0
China	14,50	15,50	-6	6
Índia	9,00	9,10	-1	4
Indonésia	0,80	0,80	0	0
Outros	4,52	3,58	26	2
Total	251,24	210,64	19	-

Adaptado de Safras&Mercado

Plantio e comercialização da safra brasileira

De uma forma geral, a produção de grãos no Brasil está estimada em 139,75 milhões de toneladas que representaria um incremento de 4% sobre a safra anterior embora se estime uma queda de 2% na área plantada que se calcula em 45,93 milhões de hectares. Esta queda está mais relacionada a baixas de 5% em feijão e algodão, 10% em milho e 11% em trigo, talvez acompanhando a queda de preços destes produtos que foram na ordem de 17% no milho, 8% no arroz e algodão, 18% no trigo e 46% no feijão. Enquanto a soja teria um acréscimo de 5% na área e 2% nos preços o que, de certa forma, explica a preferência por esta cultura que deve representar 46% da produção total de grãos.

Até a presente data, o Brasil já plantou pouco mais de 90% da safra, o que estaria dentro da média normal, já Minas Gerais plantou em torno de 95% para uma média normal de 85% para o mesmo período. A região mais atrasada no plantio é Rio Grande do Sul que somente plantou em torno de 50% da área quando a média normal para o período, neste estado, é de 85% e esta situação é devida à ocorrência de fortes chuvas.

Com relação ao mercado, a safra brasileira de 2008/2009 está praticamente toda comercializada e agora o mercado está focado na venda antecipada da nova safra 2009/2010 e cujos indicativos apontam que já está compromissada em torno de 20%. Minas Gerais já comprometeu em torno de 15% da sua colheita prevista contra 30% que seria a média normal para o período.

Preços praticados em diferentes regiões no Brasil

Local	Preços praticados R\$/saca			
	08/12/09	1 semana atrás	1 mês atrás	1 ano atrás
Passo Fundo/RS	47,00	47,50	46,50	47,00
Rondonópolis/MT	40,00	41,15	40,50	41,50
Mogiana/SP	46,00	46,00	45,50	53,00
Uberlândia/MG	41,00	44,30	45,00	42,00

Adaptado de Safras&Mercado

Fonte: Safras & Mercado, Conab, Emater-MG

TOMATE

Georgeton S. R. Silveira
E-mail: georgeton@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8148 - Belo Horizonte/MG

COMPORTAMENTO

Os preços em novembro do tomate in natura, segundo a Ceasaminas, no entreposto de Contagem foram de:

- Tomate AA do grupos longa vida R\$ 27,92 e santa cruz – R\$ 29,25 , preço médio da caixa com 22 kg.
- Tomate classe A dos grupos longa vida R\$ 16,65 e santa cruz – R\$ 16,77 a caixa com 22 kg.

Segundo pesquisa de preços realizada no varejo pela Ceasaminas do dia 02/12 a 04/12, os valores do quilo do tomate in natura praticados nos hipermercados e supermercados da grande BH, obtiveram um preço médio de R\$ 2,51. Nos sacolões foi de R\$ 1,74 sendo o preço médio no varejo de R\$ 2,15. No atacado no mesmo período, o preço pago pelo quilo foi de R\$ 0,77. No comparativo de preços no varejo em relação ao atacado obteve uma variação de 179,2%.

No mês de novembro, os preços observados no atacado no início do mês, obtiveram melhores preços que os praticados no fim do mês. Mesmo estando no período de entressafra, os preços médios se mantiveram em patamares menores que os esperados para a época. O que pode explicar tal fato, são os maiores preços observados no varejo e a baixa qualidade do tomate ofertado nas gôndolas, levando os consumidores a optar por outras hortaliças de menor valor e maior qualidade.

TENDÊNCIAS

Com as chuvas se intensificando neste final de ano, a tendência é que haja uma menor oferta de tomate no mercado, devido a problemas fitossanitários que poderão reduzir a produtividade e conseqüente produção das lavouras de tomate.

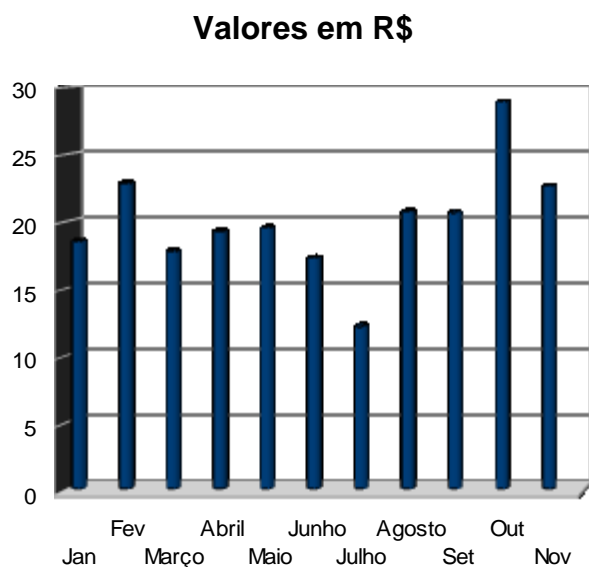
Com as áreas de cultivo de hortaliças de outros estados, comprometidas pelas chuvas, como Rio Grande do Sul, Espírito Santo e São Paulo, a demanda pelo produto nesses estados, pela produção mineira poderá ser maior, podendo elevar o preço do produto tanto no atacado como no varejo.

Por outro lado com a chegada do período de festas, férias regulamentares e escolares, há uma tendência de redução da demanda por tomate pelo mercado, equilibrando a oferta e procura, levando os preços a se manterem nos mesmos patamares do mês de novembro.

O que deverá ser observado é que preços praticados no varejo que estejam acima de R\$ 2,50 por quilo e frutos de má qualidade, levam a uma menor procura por parte dos consumidores.

COMPORTAMENTO DO MERCADO

Veja no gráfico abaixo o comportamento dos preços médios pagos na caixa de 22 Kg de tomate na CeasaMinas:



Fonte: Ceasaminas preços médios no período.

FRUTICULTURA

Deny Sanábio
E-mail: sanabio@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8117 - Belo Horizonte/MG

Mapa revoga portaria que aprova zoneamento agrícola para a cultura de abacaxi

Com a finalidade de revisar, foi publicado no Diário Oficial da União desta terça-feira (01/12), faz valer a retificação a seguir, conforme Portaria Nº 331, de 30 de novembro de 2009.

O MAPA decide revogar as Portarias nºs 211, 209, 210, 212, 213, 214, 218, 219, 220, 221, 236, 237 e 238, que aprovaram os Zoneamentos Agrícolas para a cultura de abacaxi no Distrito Federal e nos Estados de Tocantins, Rondônia, Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, **Minas Gerais**, Piauí e Maranhão, respectivamente, ano-safra 2009/2010.

Chuvas contribuem para altas de frutas e hortaliças

As chuvas em regiões produtoras contribuíram para reduzir as ofertas e elevar os preços médios de algumas das principais frutas no atacado do entreposto de Contagem em novembro no comparativo com outubro. Apresentaram aumento médio de 3,7%. Foram comercializados entre frutas e hortaliças no entreposto cerca de R\$ 291,7 milhões, valor 6,3% maior que no mês anterior, com volume de 200,2 milhões de quilos, acréscimo mensal de 3,6%.

No grupo das frutas, contribuíram para a alta as variedades de mamão formosa (68,6%) e Havaí (22,2%), cujas ofertas foram prejudicadas pelas chuvas nas regiões produtoras do Sul da Bahia e Norte do Espírito Santo. Também ficou mais caro em novembro o abacate (21,8%), que está em início de entressafra. A alta da uva Niágara (16,2%) é consequência do atraso da colheita principalmente no estado de São Paulo, maior fornecedor da variedade, mas a expectativa é de que o produto fique mais barato neste mês de dezembro.

Entre as quedas, destaques para a manga (-27%), pêssego (-12,8%), abacaxi (-8,4%) e

ameixa (-4,1%). Também são as boas dicas de consumo do melão, mesmo com alta de 4,9%, o morango (-6,3%) e a laranja pera, que se manteve estável.

Dólar em queda recheia Natal com frutas importadas

Com o dólar bem mais em conta do que em dezembro do ano passado, a moeda americana estava acima de R\$ 2,30, contra R\$ 1,723 média atual, os importados típicos das festas de fim de ano ganharão mais espaço na ceia natalina.

Bebidas, azeites, bacalhau e **frutas secas** devem custar, em média, de 10% a 15% menos do que no ano anterior. Além dos preços reduzidos, o consumidor está mais confiante em fazer gastos nesse dezembro, bem diferente do que se viu no Natal passado, no auge da crise financeira no Brasil.

O consumidor brasileiro terá uma mesa mais farta e mais barata. Em 2008, o dólar estava bem mais caro e o consumidor, alarmado.

Com o cenário favorável, as projeções são de alta de 10% nas vendas sobre o Natal passado, disse Sussumu Honda, presidente da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), acrescentando que os supermercadistas encomendaram **13,5% a mais de frutas**, 9,7% a mais de vinhos e 9% a mais de importados em geral (como azeites, azeitona e queijos). Este ano, o dólar já acumula queda de 26,2% frente ao real.

As importações foram maiores a exemplo do Grupo Pão de Açúcar, especialmente as de frutas (20%), bacalhau e salmão (10%) e vinho (10%, com oferta maior de rótulos da América Latina). O bacalhau, por exemplo, deve ficar 20% mais barato, o mesmo é esperado nas outras grandes redes de supermercadistas.

Fonte: MAPA, Ceasaminas, Jornal o Globo

BANANA

A banana prata no norte de Minas confirmou a tendência de alta durante o mês de novembro com o preço da caixa de 22 Kg iniciando o Mês a R\$ 12,00, fechando a R\$ 14,00 e apresentando cotação de R\$16,00 no início de dezembro. A razão do significativo aumento para a prata se deve sobretudo ao período de entressafra, normal para essa época do ano na região, acarretando falta do produto. Produtores locais afirmam que as cotações poderiam ser ainda maiores, se não fosse a grande oferta de banana prata oriunda de São Paulo, Dessa forma o mercado para a banana prata encontra-se muito aquecido com compradores chegando a pagar R\$ 1,00 a mais por caixa em relação ao preço da cotação, para conseguir atender os compromissos.

Com relação a banana nanica os preços do Norte de Minas despencaram no mês de novembro, com desvalorização de 60%, passando de R\$ 10,00 em primeiro de novembro para R\$ 4,00 no dia 30 de novembro. Os principais fatores que contribuíram para a derrubada dos preços da banana nanica na região, foram, primeiramente a maior oferta da variedade no estado de São Paulo, devido às elevadas temperaturas locais registradas nas últimas duas semanas, que favoreceram o desenvolvimento dos cachos da variedade, aumentando a oferta da fruta. Outro fator que contribuiu significativamente foi o fato de que alguns exportadores ainda não se adequaram à Instrução Normativa 28, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), que estabelece que a banana exportada deve ter Certificado Fitossanitário do controle da praga *Opogona sacchari* (“traça da bananeira”) o que impossibilitou o embarque de suas cargas. Dessa forma a produção de Santa Catarina foi direcionada para o mercado interno aumentando a oferta e derrubando as cotações. Abaixo segue tabela de variação dos preços das duas variedades, pago ao produtor:

SEMANAS	PRATA	NANICA
01/11	12,00	10,00
10/11	12,00	9,00
16/11	12,00	8,00
18/11	12,00	7,00
20/11	12,00	6,00
23/11	12,00	5,00
30/11	14,00	4,00
03/12	16,00	4,00

Fonte: Raimundo Mendes de Souza Junior - EMATER de Nova Porteirinha

raimundo@emater.mg.gov.br

FRANGO E OVOS

Dirceu Alves Ferreira
E-mail: dirceu@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8115 - Belo Horizonte/MG

Levantamento efetuado pela Embrapa Suínos e Aves e disponível no site da Conab aponta que nos 24 meses decorridos entre novembro de 2007 e outubro de 2009 foi registrada relativa estabilidade na evolução dos custos de produção do frango, sem aqueles altos e baixos extremados que sempre caracterizaram a atividade. Os custos variaram desde um mínimo de R\$1,53/kg (novembro de 2007) até um máximo de R\$1,73/kg em abril de 2009, valores que correspondem a uma amplitude de variação de 13%. Não é o que se verifica em relação aos preços recebidos pelo produtor que variam conforme os níveis de oferta e demanda. Assim, contra uma amplitude de 13% nos custos, o preço pago pelo frango vivo apresentou uma ampliação de 56,5%, índice que, com certeza, não chegou ao varejo, mesmo porque não há consumidor que aguente tão grande variação. Note-se que, nesses 24 meses, os momentos em que o produtor teve a pior remuneração não coincidem com a fase mais crítica da crise econômica mundial, pois foram registrados no primeiro semestre de 2008 e, mais recentemente, no trimestre agosto-outubro (quer dizer, depois que, supostamente, o pior da crise havia sido superado). Esses dois momentos correspondem a fases de injustificada elevação na produção de carne de frango. Assim, da mesma forma que em 2009 se voltou a ultrapassar a marca do milhão de toneladas de carne de frango (mês de agosto), no início de 2008 o volume produzido chegou a apresentar incremento superior a 13% ao ano. Opostamente, os momentos de melhores preços correspondem a fases de baixa produção e de oferta interna mais comedida.

Fonte: Avisite

Não chega a ser fato inédito, mas é um dos raros anos em que o ovo, em plena véspera do mês de Natal, registra preços inferiores aos do mês de janeiro do mesmo ano. Uma situação que se agrava ainda mais se considerado que em janeiro deste ano se vivia, senão o ápice, um dos momentos mais críticos da crise econômica mundial que eclodiu no segundo semestre de 2008. A realidade é que em pleno período que antecede ao mês dos panetones, das grandes confraternizações, das mesas fartas, o ovo registra sua menor cotação de 2009. Porém não só de 2009, mas dos últimos 37 meses, já que a última vez em que se registrou cotação média menor que a atual foi em novembro de 2006 (R\$29,05/caixa). Embora continue sendo difícil, é certo que ocorrerão correções de preços nas três semanas que nos separam do Natal mas serão insuficientes para alcançar a média alcançada a um ano. E isso sugere, também, que mantidas as condições atuais de abastecimento, o ovo tende a iniciar 2010 com preços inferiores aos de 2009. Só a adequação da produção, com um descarte intenso de poedeiras pode reverter essa perspectiva.

Contrariando as expectativas e mesmo com as condições de mercado, o frango vivo atravessou o mês de novembro com o preço médio de R\$1,70/kg. Mas

a alta há tempos esperada deve ocorrer no mês de dezembro, já que em Minas Gerais foram registrados, dois ajustes quase sucessivos de cinco centavos cada. Mais do que necessário, o ajuste é indispensável. Pois ainda que se diga que o atual preço se encontra “apenas” 1,23% abaixo daquele registrado há um ano, é impossível esquecer que, naquela época, o País e o mundo viviam o “dezembro negro” da crise econômica mundial. Tanto que a cotação média de R\$1,62/kg então registrada correspondeu ao pior preço do frango vivo no segundo semestre de 2008. Em outras palavras, o preço médio de R\$1,70 atual é bem mais crítico.

VARIAÇÃO NAS COTAÇÕES DE FRANGOS

PRODUTO	Atacado Fob. Granja (R\$/Kg)	
	31/10/09	30/11/09
Frango Abatido Resfriado/Atacado	2,60	2,60
Frango Vivo com ICMS	2,40	2,40
Frango Vivo Diferido	2,24	2,24
Frango Vivo Integração	1,60	1,70

Fonte: Avimig

VARIAÇÃO NAS COTAÇÕES DE OVOS

OVOS	Valor R\$/Cx/30 Dz	
	31/10/09	30/11/09
Ovos Extra	41,00	40,00
Ovos Grandes	44,00	39,00
Ovos Médios	39,00	38,00
Ovos Pequenos	37,00	36,00
Ovos Vermelhos.	45,00	44,00

Fonte: Avimig

VARIAÇÃO NAS COTAÇÕES DE AVES DE DESCARTE

AVES DE DESCARTE	Atacado Fob/Granja (R\$/Kg)	
	31/10/10	30/11/09
Poedeira de Corte	1,00	1,00
Poedeira Branca	0,50	0,50
Matrizes Vermelha	0,60	0,60

Fonte: Avimig

TENDÊNCIAS DA AVICULTURA

No mês só a carne de frango mineira obteve reajuste. Um reajuste significativo de 10 centavos. Os resultados significam, em 30 dias, ganho de 3% para o frango comercializado em Minas Gerais.

Com as boas vendas durante o mês, os preços vem se reajustando devido principalmente a esta boa demanda e não, infelizmente, a redução da produção. Espera-se que em dezembro haja um plantel bem mais adequado ao atual mercado de ovos. Enquanto isto, todos esperam que estas vendas continuem firmes pelo menos até o Natal.

SUÍNOS

Dirceu Alves Ferreira
E-mail: dirceu@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8115 - Belo Horizonte/MG

O Brasil vai exportar 600 mil toneladas, 70 mil a mais do que em 2008, a receita cambial deve ficar 300 milhões de dólares abaixo do ano anterior e o consumo interno salvou a pátria, no segundo aumento consecutivo, quase chegando a casa dos 14 quilos por habitante ao ano. A conquista de mercados fortes imaginada para 2009, só deve mesmo ocorrer no ano que vem. É o caso da Coreia do Sul e Japão. Este ano, chegaram Filipinas e Vietnã. É boa notícia, mas não compensa o mercado chinês, que, pelo menos por enquanto, está fora dos planos.

Ainda bem que mercado brasileiro compensou a violenta queda dos preços internacionais, emplacando aumento de produção e de consumo. A produção em 2009 deve alcançar 3,19 milhões de toneladas, 5,32% acima de 2008. Foi a redenção das indústrias, pois o resultado poderia ter sido trágico se trabalhassem com os índices técnicos de 2008. O consumo interno será outra boa notícia em 2009, atingindo 13,8 Kg/habitante/ano, o segundo aumento consecutivo e marca vice-campeã em toda a história de levantamento de consumo de carne suína no Brasil. Para 2010, a Abipecs aponta um ano melhor. Produção 0,3% maior, volume exportado com elevação de 2%, mas preços internacionais ainda deprimidos e câmbio desfavorável. Fonte Porkworld.

Em 2009, segundo estimativas da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação - FAO, o mundo produzirá 106 milhões de toneladas de carne suína. Cerca de metade disso (50,23 milhões t) será de responsabilidade da China. Os chineses, como se sabe, consomem muito também: 50,36 milhões de toneladas. Eles deverão importar, em 2009, 215 mil toneladas e exportar 343 mil toneladas. Projeção hipotética feita pela Abipecs, com base em dados da FAO, estima que as exportações brasileiras de carne suína triplicariam, passando de 589 mil toneladas em 2009 para 1,73 milhão toneladas em 2015, apenas como efeito da abertura de mercados e aumento de vendas para mercados já conquistados.

Atualmente, o Brasil é o quarto maior exportador mundial, atrás da União Européia, dos Estados Unidos e do Canadá. Com o aumento de exportações, o Brasil teria condições de liderar o ranking, situação que já ocorreu com as carnes bovina e de frango.

Na Ásia, o Brasil exporta principalmente para Hong Kong, um volume estimado em 127 mil toneladas em 2009, com uma participação de 26% nas

importações feitas pelo país. O Brasil ainda não exporta para a China e para o Japão, os dois principais compradores na região.

Em 2009, os chineses deverão importar 343 mil toneladas e o Japão, 1,12 milhão de toneladas. Na China, diz Pedro de Camargo Neto, presidente da ABIPECS, "projetamos iniciar com 5% de participação das importações do país em 2010, para chegarmos a uma participação de 30% em 2015. O potencial brasileiro, naquele ano, seria de 102,9 mil toneladas. Fonte: ACSURS

COTAÇÕES SUÍNO (R\$) – 30/11/2009	
SP	2,45
PR	2,20
SC	2,20
GO	2,70
RS	2,21
MG	2,60
MS	1,90
MT	2,10

Fonte: Asemg

TENDÊNCIAS DA SUINOCULTURA

O mês de novembro encerrou-se com o consumo de carne suína em alta e com ganhos ao longo do mês. Esta é uma boa perspectiva, já que o mês de dezembro é um mês de consumo elevado em função das festas de fim de ano. Projeta-se nos próximos dias tanto a elevação do consumo como dos preços.

LEITE

Cinthy Leite
Madureira de Oliveira
E-mail: cinthya@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8115 - Belo Horizonte/MG

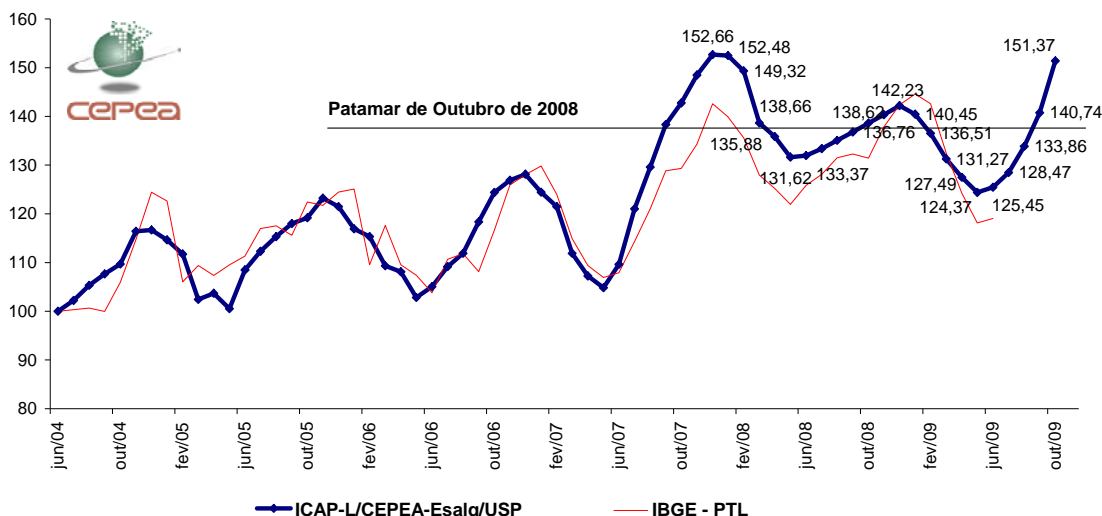
MERCADO

O aumento expressivo do volume de leite captado em outubro foi o principal motivo da forte redução no preço do leite pago aos produtores em novembro. Conforme as empresas amostradas pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, o crescimento foi de 7,6% em outubro frente ao mês anterior. O volume captado ficou próximo também dos picos

históricos registrados em dezembro de 2007 e janeiro de 2008. O aumento da captação deve-se, sobretudo, ao período chuvoso e às temperaturas mais elevadas nas principais bacias leiteiras, que favorecem a produção de pastagens.

Gráfico 1: ICAP-L/Cepea - Índice de Captação de Leite - OUTUBRO/09.

(Base 100=Junho/2004)



Fonte: Cepea-Esalq/USP

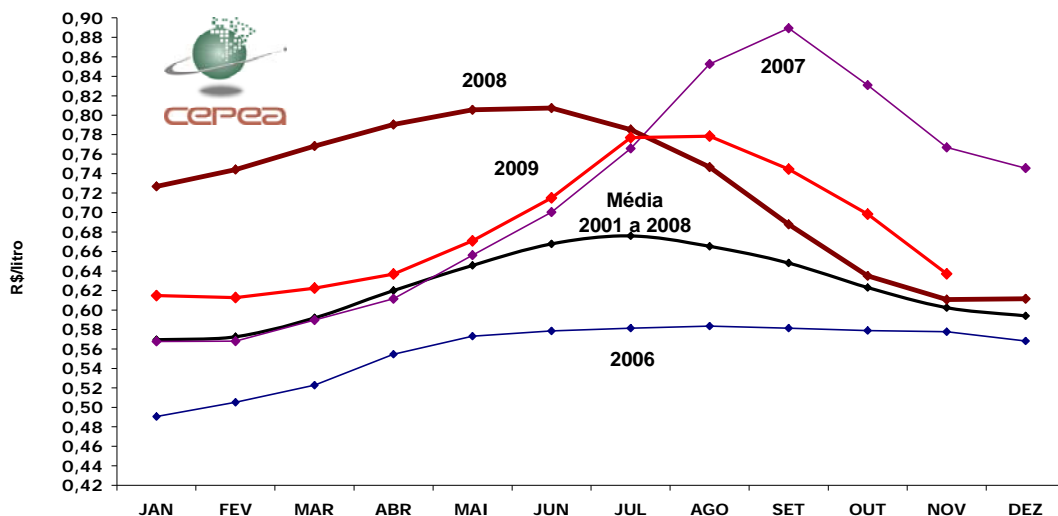
Os preços brutos praticados em novembro (referentes à produção de outubro) recuaram 8,8%, ou 6,13 centavos por litro, em relação ao mês anterior, com a média ponderada indo para R\$ 0,6371/litro – considerando os estados pesquisados pelo Cepea (RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA). E os preços pagos ao produtor, pelo leite produzido em novembro, tiveram queda em todos os estados pesquisados. A maior redução foi observada no Rio Grande do Sul, de 8,75 centavos por litro, ou 13,16%, com a média a R\$ 0,5773 / litro.

Em Minas Gerais, o preço médio bruto pago pelo leite foi de R\$ 0,6497 / l, recuo de quase 6 centavos por litro (-8,3%) frente a outubro. Em Goiás, a média de novembro foi R\$ 0,6332 / l, queda de 9,4%. Em São Paulo, a redução foi de 9%, ou 6,57 centavos por litro, fechando a R\$ 0,6695/l. A Bahia foi o único estado que registrou estabilidade nos preços frente a outubro.

Mesmo com a queda dos preços, a média nacional do leite pago ao produtor ainda está 8,3% superior à de novembro do ano passado (R\$ 0,5883/l). Neste ano, além do aumento da oferta, que pressiona as cotações dos derivados, também a elevada importação de lácteos a preços relativamente baixos desfavoreceram os preços de toda a cadeia doméstica. No mercado internacional, no entanto, as cotações estão se recuperando, o que pode limitar as compras externas e mesmo incentivar as vendas nacionais (Cepea/Esalq/USP).

Gráfico 2: Série de preços médios pagos ao produtor - deflacionada pelo

IPCA (média de RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA).



Fonte: Cepea-Esalaq/USP.

Tabela 1 - Preços pagos pelos laticínios (bruto) e recebidos pelos produtores (líquido) em Novembro/2009, referente ao leite entregue em Outubro/ 2009.

Região	Bruto (c/frete e CESSR, ex-Funrural)			Preço líquido	Var. % Bruto	Var. % Líquido
	Máximo	Mínimo	Médio	Médio	Set/Ago	Set/Ago
	Triâng./Alto Paranaíba	0,7163	0,6446	0,6703	0,6270	- 11,78
Sul/Sudeste	0,6804	0,5332	0,6258	0,5949	- 9,71	- 9,57
Vale do Rio Doce	0,6718	0,5718	0,6369	0,6133	- 9,78	- 9,52

Média Estadual	0,6942	0,5952	0,6497	0,6144	- 8,33	- 8,65
Média Nacional	0,6954	0,5635	0,6371	0,6025	- 8,78	- 8,51

Fonte:Cepea. Adaptado por Detec/EMATER-MG

TENDÊNCIAS

A tendência para o mês de dezembro, é que o preço do leite continue em baixa, segundo o Cepea e Scot Consultoria.

O aumento da produção continua sendo o principal motivo da redução dos preços, somado com o período de férias, que reduz a venda de lácteos.

PEIXE

Frederico Ozanam de Souza
E-mail: frederico@emater.mg.gov.br
Tel.: (35) 3522-1166 – Passos/MG

O cultivo de peixes é uma atividade milenar. Na época atual a atividade tem propiciado importantes benefícios econômicos e nutricionais para muitos países em desenvolvimento. A aquicultura tem forte concentração em países em desenvolvimento os quais respondem por 85% da produção mundial em volume e 71% em valor, segundo dados da FAO. Ainda segundo a FAO, o potencial da aquicultura para produzir alimentos de qualidade, gerar riquezas e empregos, tem sido demonstrado pela rápida expansão do setor que tem crescido, desde 1984, a uma taxa anual de 10%.

Atualmente, os pequenos produtores rurais veem à aqüicultura, em especial a piscicultura, como meio de diversificar a produção, reduzindo os riscos da atividade agrícola, e de complementar a alimentação com proteína de alta qualidade.

O cultivo de peixes exige pouco investimento, porém a deficiência dos piscicultores em técnicas de manejo, utilização de alevinos de qualidade inferior e o uso de rações inadequadas, principalmente na fase inicial da criação, vem aferindo resultados negativos e até mesmo, prejudicando o desempenho dos peixes, principalmente a tilápia, uma das espécies mais criadas no sul de Minas Gerais. É por essa razão que há interesse em se trabalhar com esta espécie, visto que foi a que mais cresceu nos últimos anos no mundo inteiro.

MERCADO

A carne de peixe continua com preço normal. O preço do peixe vivo de tilápia recebido pelos produtores ficou entre R\$ 4,00 e R\$ 5,00/kg e o filé em torno de R\$ 15,00/kg. Outras espécies de peixe vivo, como o Matrinchã, Pacu e Tambaqui, tiveram os preços cotados entre R\$ 5,00 e R\$ 6,00/kg. A Truta foi comercializada entre R\$ 7,00 e R\$ 9,50/kg. Para as espécies de peixes

considerados nobres, como o Surubim e o Dourado, os preços variaram entre R\$ 8,00 e R\$ 11,00/kg vivo.

A tendência é que os preços permaneçam no atual patamar.

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES EM MINAS GERAIS

Produto	ud	Preços R\$
Milho	sc 60 kg	19,29
Soja	sc 60 kg	41,88
Feijão carioca	sc 60 kg	70,99
Feijão Preto		84,73
Café Arábica Beb Dura tipo 6	sc 60 kg	254,18
Banana Prata	cx (18-22) kg	14,84
Banana Nanica	cx (18-22) kg	12,34
Bezerro até 1 ano desmamado Nelore	ud	529,91
Bezerra até 1 ano desmamada Nelore	ud	440,94
Bezerro até 1 ano desmamado Mestiça	ud	415,4

Bezerra até 1 ano desmamada Mestiça	ud	371,99
Vaca Gorda para Abate – Consumo Interno	@	65,61
Boi Gordo para Abate – Consumo Interno	@	70,21
Boi Gordo para Abate – tipo exportação	@	74,42
BOVINOC: Leite Resfriado	L	0,62

Mês de novembro - 2009 – Elaboração: CIAGRO/ASMEC/EMATER/MG

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS NA UNIDADE DA CEASA DE BELO HORIZONTE

Produto	Unidade	Preço (R\$)	Produto	Unidade	Preço (R\$)
Abacate	20 kg	30,00	Laranja	20 kg	13,00
Abacaxi	dz	24,00	Limão Tahiti	20 kg	15,00
Abobrinha-italiana	18 kg	9,00	Maçã	18 kg	35,00
Abobrinha-menina	18 kg	10,00	Mamão Formosa	18 kg	30,00
Abóbora Moganga	15 kg	8,00	Mamão Havaí	8 kg	16,00
Alface	dz	5,00	Mandioca	22 kg	10,00
Alho brasileiro	10 kg	60,00	Mandioquinha	22 kg	35,00
Banana Nanica	18 kg	14,00	Manga	6 kg	6,50
Banana Prata	18 kg	22,00	Maracujá	14 kg	25,00

Batata	50 kg	60,00	Melancia	kg	0,65
Batata-doce	22 kg	20,00	Melão	13 kg	20,00
Berinjela	12 kg	10,00	Milho Verde	25 kg	8,00
Beterraba	22 kg	35,00	Moranga	25 kg	10,00
Brócolo	dz	18,00	Morango	1,5 kg	4,00
Cebola	20 kg	35,00	Ovo de granja	30 dz	36,00
Cenoura	22 kg	30,00	Pepino	21 kg	10,00
Chuchu	22 kg	6,00	Pera	20 kg	60,00
Coco verde	dz	9,60	Pimentão	10 kg	13,00
Couve	dz	4,00	Quiabo	14 kg	7,00
Couve-flor	06 unid.	10,00	Repolho	25 kg	12,00
Espinafre	dz	13,00	Tangerina Ponkan	15 kg	---
Goiaba	2,5 kg	8,00	Tomate	22 kg	17,00
Inhame	20 kg	28,00	Uva Itália	6 kg	19,00
Jiló	16 kg	12,00	Vagem	13 kg	10,00

Preços referentes ao dia 01.12.2009.

Fonte: Ceasaminas - Elaboração: Asmec/Emater-MG